

CARTAS DE SÃO JOÃO

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 1 de julho de 2022

INTRODUÇÃO

Autoria

O cânone da Sagrada Escritura, seguindo a tradição, para além do evangelho (e do Ap), atribui ao apóstolo João um conjunto de três cartas. A primeira carta não explicita o autor que, em 1,1-4, se refere a si próprio com um *nós* e utiliza uma linguagem e um estilo muito semelhantes aos do prólogo do evangelho (cf. Jo 1-18). Também por isso, a tradição identificou-o com o Discípulo Amado, o autor do Quarto Evangelho (cf. Jo 13,23nota) e fundador das comunidades a quem se destinam as 1-3Jo, e que, segundo a mesma tradição, seria o apóstolo João, o filho de Zebedeu (cf. a questão da autoria na introdução a Jo). Na segunda e terceira cartas, porém, o autor identifica-se como *o presbítero* (cf. 2Jo 1; 3Jo 1), que a tradição com maior peso sempre considerou tratar-se do mesmo autor do evangelho e da 1Jo. São pois escritos que, mesmo não tendo sido redigidos pelo apóstolo, remetem implicitamente à sua autoridade e autoria, pertencendo à mesma escola teológica e reproduzindo o seu pensamento, como é notório nas grandes semelhanças, não só no vocabulário e na doutrina, como também nas expressões e no estilo simples e linear.

Datação

As cartas terão sido escritas alguns anos depois do Quarto Evangelho (Jo), para dar resposta a situações vividas pela(s) comunidade(s) de tradição joanina. Assim, por exemplo, a 1Jo rebate a cristologia deficitária de alguns membros da comunidade que, fazendo uma errada interpretação da alta cristologia do evangelho de Jo, que sublinha de forma particular a divindade de Jesus, acabaram por negar a verdade da encarnação e, portanto, da sua verdadeira humanidade. O facto de terem sido escritas depois do evangelho (redigido possivelmente em finais do séc. I) e de fazerem eco destas tendências gnosticizantes remete a redação das cartas para finais do séc. I ou princípios do séc. II.

Destinatários e finalidade

A 1Jo, que não nos dá a conhecer o seu destinatário, terá sido enviada a várias comunidades da Ásia Menor fundadas pela apóstolo João, com a finalidade de exortar os seus membros a manterem-se fiéis à verdade do testemunho que receberam e, conseqüentemente, unidos no amor recíproco. A carta parece ter sido motivada pela já referida interpretação cristológica deturpada de alguns membros da comunidade. Estes, a quem o autor chama de *anticristos* e que parecem estar já separados da comunidade (cf. 1Jo 2,18s.22s), continuam a tentar seduzir os restantes com a sua doutrina, a qual: (1) negava que o Jesus humano fosse o Cristo celeste (1Jo 2,22s), no sentido de não aceitar que o Filho de Deus tivesse encarnado e morrido (cf. 1Jo 4,1-3); (2) defendia que apenas

os que assim pensavam estavam em comunhão com Deus (1Jo 1,6; 2,6) e o conheciam (1Jo 2,4), o que tinha como consequência o desprezo pelos restantes membros da comunidade, denúncia presente nas afirmações do autor sobre os mentirosos que dizem amar Deus quando não amam o irmão (1Jo 4,20s); (3) afirmava que apenas eles eram mestres e profetas guiados diretamente pelo Espírito (cf. 1Jo 4,1-6).

Já a 2Jo é dirigida à *Senhora eleita e aos seus filhos* (2Jo 1), ou seja, a uma comunidade (ou conjunto de comunidades) da Ásia Menor, de tradição joanina, com o objetivo de a(s) exortar a manter(em)-se fiel(éis) à verdade, no cumprimento do mandamento do amor e resistindo aos que negavam a encarnação do Filho de Deus.

Por fim, a 3Jo é endereçada pelo *presbítero* a Gaio, pedindo-lhe que acolha os missionários por ele enviados e que lhes dê provisões, ao mesmo tempo que se queixa de Diótfres – provavelmente o responsável de uma comunidade vizinha – que não só recusou recebê-los, como procurava minar na comunidade a autoridade do presbítero (cf. 3Jo 9s). Entre esses missionários estaria Demétrio, que é especialmente recomendado a Gaio pelo seu bom testemunho (cf. 3Jo 12).

Estrutura

A 1Jo tem um estilo exortativo, doutrinal e homilético. A 2Jo e a 3Jo, embora sejam mais um bilhete que propriamente uma carta, têm um estilo epistolar e assemelham-se pela sua pequena dimensão e estrutura.

Estrutura

- Prólogo (1,1-4)
- I. Caminhar na luz (1,5-2,27)
- II. Viver como filhos de Deus (2,28-4,6)
- III. Acreditar e amar (4,7-5,13)
- Conclusão (5,14-21).

Estrutura da 2Jo

- Saudação (1-3)
- O comportamento correto (4-6)
- A autêntica profissão de fé e o comportamento com os hereges (7-11)
- Conclusão (12s).

Estrutura da 3Jo

- Saudação (1-4)
- Hospitalidade de Gaio (5-8)
- Recusa de Diótfres (9-11)
- Boa conduta de Demétrio e conclusão (12-15).

PRIMEIRA CARTA DE SÃO JOÃO

1 Prólogo (1,1-4)^a

¹O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram, no que respeita à Palavra da vida: ²é isso que vos anunciamos^b. Pois a vida manifestou-se, nós vimo-la e disso damos testemunho: anunciamos-vos a vida eterna, que estava junto do Pai e que se manifestou a nós. ³O que vimos e ouvimos é, pois, o que também vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão connosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho, Jesus Cristo. ⁴Escrevemos estas coisas para que a nossa alegria seja completa.

I. CAMINHAR NA LUZ (1,5-2,27)

Rutura com o pecado, caminhar na luz (1,5-2,2)

⁵Esta é a mensagem que dele ouvimos e que vos anunciamos: Deus é luz e nele não há trevas. ⁶Se dissermos que estamos em comunhão com Ele, mas caminhamos nas trevas, estamos a mentir e não praticamos a verdade^c. ⁷Porém, se caminarmos na luz, como Ele está na luz, estamos em comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, purifica-nos de todo o pecado.

⁸Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós. ⁹Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo a ponto de nos perdoar os pecados e de nos purificar de toda a iniquidade. ¹⁰Se dissermos que não pecámos, fazemos dele um mentiroso, e a sua palavra não está em nós.

2 ¹Meus filhos, escrevo-vos estas coisas para que não pequeis; mas, se alguém pecar, temos junto do Pai um intercessor^d: Jesus Cristo, o justo.

^a O prólogo assemelha-se muito ao do Quarto Evangelho (Jo 1,1-18), o que parece confirmar a opinião quase unânime de que todos estes escritos (a que muitos acrescentam o Ap) tiveram origem nas mesmas comunidades, que se remetem, portanto, à autoridade do Discípulo Amado, que as teria fundado, e que, segundo a tradição, seria o apóstolo João, filho de Zebedeu. A comunidade guarda fielmente aquilo que lhe foi transmitido por tal testemunha ocular da vida e da mensagem de Jesus, a Palavra do Pai, a ponto de o autor usar um *nós* para se expressar. A fidelidade ao testemunho recebido é condição para manter a comunhão com Deus (e, consequentemente, com a comunidade) e participar na sua vida.

^b *É o que vos anunciamos* é acrescento da tradução, como antecipação da afirmação do v.3.

^c Esta é a primeira de várias afirmações que parecem reproduzir doutrinas heterodoxas de tendências gnósticas de alguns dissidentes da comunidade, que, ao sublinhar de tal forma a divindade de Jesus, diluíam – e pareciam negar – a sua verdadeira encarnação (4,2; cf. 2,22). Assim, estavam convencidos de que apenas eles estavam em comunhão com Deus (1,6), não tinham pecado nem o cometiam (1,8-10), conheciam a Deus (2,4), estavam nele (2,6) e na luz (2,9), e o amavam (4,20). Repetindo as afirmações dos cismáticos, o autor rebate-as sobretudo pela apresentação da doutrina tal como foi transmitida por aquele que foi testemunha ocular e apóstolo (cf. 1,1-4nota).

^d Em grego *Paráclito*, que o Quarto Evangelho aplica ao Espírito Santo (Jo 14,16.26; 15,26; 16,7).

²É Ele a vítima de expiação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos do mundo inteiro^a.

Observar os mandamentos: o amor fraterno (2,3-11)^b

³E é nisto que sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos. ⁴Quem diz: «Eu conheço-o» mas não guarda os seus mandamentos, é mentiroso e a verdade não está nele. ⁵Quem, porém, guarda a sua palavra, é nesse que verdadeiramente o amor de Deus é perfeito – é nisto que sabemos que estamos nele. ⁶Quem diz que permanece nele deve também proceder como Ele procedeu.

⁷Amados meus^c, não vos escrevo um mandamento novo, mas um mandamento antigo, que tendes convosco^d desde o princípio. Esse mandamento antigo é a Palavra que ouvistes. ⁸E, no entanto, é um mandamento novo que vos escrevo – o qual é verdadeiro nele e em vós –, porque as trevas estão a dissipar-se e já brilha a luz verdadeira^e.

⁹Quem diz que está na luz, mas odeia o seu irmão, ainda está nas trevas.

¹⁰Quem ama o seu irmão permanece na luz e não há nele motivo de escândalo.

¹¹Mas quem odeia o seu irmão está nas trevas, caminha nas trevas e não sabe para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos.

Rutura com o mundo, fé autêntica (2,12-27)

¹²Escrevo-vos, meus^f filhos, porque pelo nome de Jesus^g vos foram perdoados os pecados. ¹³Escrevo-vos, porque conhecestes Aquele que existe desde o princípio. Escrevo-vos, jovens, porque vencestes o Maligno^h.

^a Jesus é o intercessor dos homens junto do Pai, pois foi por eles que ofereceu a sua vida, em expiação pelo pecado do mundo (cf. Jo 1,29) que impossibilitava a relação com Deus e, portanto, de participar na sua vida, na salvação. Mais do que um sentido vicário, o termo *expiação* tem, por isso, um enquadramento na teologia da reconciliação (cf. Nm 5,8; Ez 44,27; 2Mac 3,33).

^b Contra os dissidentes que pretendiam ter um conhecimento privilegiado de Deus em detrimento dos outros membros da comunidade, que desconsideravam, o autor sublinha que a manifestação de que verdadeiramente se conhece Deus é a observância dos mandamentos, nomeadamente o do amor ao irmão.

^c *Meus* é acrescido da tradução, assim como em todas as ocorrências desta expressão (3,2,21; 4,1,7,11).

^d *Convosco* é acrescido da tradução.

^e O mandamento de Jesus (o amor fraterno) não é novidade no que diz respeito à sua explicitação (cf. Lv 19,18), mas quanto ao fundamento: o amor de Cristo, manifestado eloquentemente na cruz (*verdadeiro nele e em vós* - v.8). Nesse sentido, o autor sublinha a vitória da luz sobre as trevas, cujo início se manifesta na nova ordem salvífica presente na comunidade daqueles que caminham na luz (cf. Jo 1,5,9).

^f *Meus* é acrescido da tradução, assim como em todas as ocorrências desta expressão (2,28; 3,7,18; 4,4; 5,21).

^g Lit.: *por meio do nome dele*.

^h No sentido em que vivem na verdade de Jesus, que venceu o mundo e o *príncipe deste mundo* (Jo 12,31; 16,11,33).

¹⁴Escrevi-vos, meus filhosⁱ, porque conhecestes o Pai. Escrevi-vos, pais, porque conhecestes Aquele que existe desde o princípio. Escrevi-vos, jovens, porque sois fortes, a palavra de Deus permanece em vós e vencestes o Maligno^j.

¹⁵Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele, ¹⁶porque tudo o que há no mundo – a concupiscência da carne, a concupiscência^k dos olhos e a soberba com que se vive^l – não vem do Pai, mas do mundo. ¹⁷E o mundo passa com as suas concupiscências; mas quem faz a vontade de Deus permanece para sempre.

¹⁸Meus filhos, esta^m é a última hora. Ouvistes dizer que havia de vir um anticristo; pois bem, surgiram agora muitos anticristos, pelo que sabemos que esta é a última hora. ¹⁹Eles saíram de entre nós, mas não eram dos nossos, pois se fossem dos nossos, teriam permanecido connosco. Mas isto aconteceuⁿ para que se tornasse manifesto que nem todos são dos nossos. ²⁰Vós, porém, tendes a unção recebida do Santo, e todos vós o sabeis. ²¹Não vos escrevi por desconhecerdes a verdade, mas porque a conheceis e porque nenhuma mentira provém da verdade.

²²Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? É este o anticristo: aquele que nega o Pai e o Filho. ²³Todo aquele que nega o Filho, nem o Pai tem consigo^o; aquele que confessa o Filho tem consigo também o Pai.

²⁴Quanto a vós, que em vós permaneça aquilo que ouvistes desde o princípio. Se o que ouvistes desde o princípio permanecer em vós, também vós permaneceréis no Filho e no Pai. ²⁵E esta é a promessa que Ele nos fez: a vida eterna.

²⁶Escrevi-vos estas coisas a respeito daqueles que vos querem enganar. ²⁷E quanto a vós, a unção que recebestes de Cristo^p permanece em vós e não tendes necessidade de que alguém vos ensine. Pelo contrário, visto que é a sua unção que vos ensina todas as coisas – e ela é verdadeira e não mentirosa – permaneci nele, conforme ela vos ensinou.

II. VIVER COMO FILHOS DE DEUS (2,28-4,6)

Rutura com o pecado, praticar a justiça (2,28-3,10)

²⁸E agora, meus filhos, permaneçei em Cristo^q, para que, quando Ele se manifestar, tenhamos confiança e não nos afastemos dele envergonhados, por

ⁱ Lit.: *crianças*, tal como no v.18.

^j A salvação experimentada na primeira pessoa pelos membros da comunidade é a grande manifestação da verdade do testemunho por eles recebido e, por isso, é a razão fundamental para não acreditar em doutrinas desviantes que a diluem e destroem.

^k Ou *o desejo da carne* (como traduzido, por exemplo, em Gl 5,16), *o desejo dos olhos*.

^l Lit.: *a soberba da vida*.

^m *Esta* é acrescento da tradução, tal como no final do v.

ⁿ *Isto aconteceu* é acrescento da tradução.

^o *Consigo* é acrescento da tradução, nas duas ocorrências do v.

^p Lit.: *dele*.

^q Lit.: *nele*.

ocasião da sua vinda. ²⁹Se sabeis que Ele é justo, reconheceréis também que foi dele que nasceu todo aquele que pratica a justiça.

3 ¹Vede que admirável amor nos concedeu o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus. E somo-lo, de facto. É por isso que o mundo não nos conhece: porque não o conheceu a Ele. ²Amados meus, agora somos filhos de Deus, mas ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos, no entanto, que, quando se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é.

³Todo aquele que tem nele esta esperança mantém-se puro, tal como Ele é puro. ⁴Todo aquele que comete o pecado, comete também a iniquidade, pois o pecado é, de facto, a iniquidade^a. ⁵Vós sabeis que Ele se manifestou para tirar os pecados e que nele não existe pecado. ⁶Todo aquele que permanece nele não peca; todo aquele que peca não o viu nem o conheceu. ⁷Meus filhos, que ninguém vos engane: quem pratica a justiça é justo, tal como Ele é justo; ⁸quem comete o pecado é do Diabo, porque o Diabo é pecador^b desde o princípio. Foi para isto que o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo^c. ⁹Todo aquele que nasceu de Deus não comete pecado, porque nele permanece uma semente divina^d; e não pode pecar, porque nasceu de Deus. ¹⁰É nisto que se manifesta quem são os filhos de Deus e quem são os filhos do Diabo: todo aquele que não pratica a justiça não é de Deus, nem o é aquele que não ama o seu irmão.

Observar os mandamentos: o amor fraterno (3,11-24)

¹¹Porque é esta a mensagem que ouvistes desde o princípio: que nos amemos uns aos outros. ¹²Não sejamos como Caim, que era do Maligno e matou o seu irmão. E por que razão o matou? Porque as suas obras eram más, ao passo que as do seu irmão eram justas.

¹³Não vos admireis, irmãos, se o mundo vos odeia. ¹⁴Nós sabemos que passámos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama

^a O termo grego *anomía*, que no *corpus* constituído por Jo e 1-3Jo apenas ocorre aqui, significa lit. *ilegalidade* ou *sem lei*; aqui, porém, é traduzido por *iniquidade*, na medida em que o autor se refere a todo o comportamento que se opõe a Deus.

^b Lit.: *peça*.

^c Justos e pecadores distinguem-se pelo seu agir, e este corresponde a um modelo: aqueles que praticam a justiça (os que são fiéis à doutrina recebida e à comunhão fraterna) tornam-se semelhantes a Jesus; aqueles que praticam o pecado (os dissidentes) repetem apenas aquilo que o Diabo fez desde sempre.

^d Lit.: *uma semente dele nele permanece*.

permanece na morte. ¹⁵Todo aquele que odeia o seu irmão é homicida^e, e vós sabeis que todo aquele que é homicida não continua a ter em si a vida eterna^f. ¹⁶É nisto que conhecemos o amor: Ele deu a sua vida por nós e também nós devemos dar a vida pelos irmãos. ¹⁷Ora, se alguém possui meios para viver neste mundo^g e vê o seu irmão passar por necessidades e, no entanto, lhe fecha o seu coração^h, como pode permanecer nele o amor de Deus?

¹⁸Meus filhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e com verdade: ¹⁹é nisto que saberemos que somos da verdade e, diante dele, tranquilizaremos o nosso coração; ²⁰porque, se o nosso coração nos acusar, Deus é maior que o nosso coração e conhece todas as coisas. ²¹Amados meus, se o nosso coração não nos acusar, continuamos a ter confiança em Deus ²²de que aquilo que lhe pedirmos, dele receberemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que lhe agradaⁱ. ²³E é este o seu mandamento: que acreditemos no nome do seu Filho Jesus Cristo e que nos amemos uns aos outros, de acordo com o mandamento que Ele nos deu. ²⁴Quem guarda os seus mandamentos permanece em Deus e Deus permanece nele^k. É nisto que nós sabemos que Ele permanece em nós, pelo Espírito que nos concedeu.

4 Rutura com o mundo e a fé autêntica (4,1-6)

¹Amados meus, não acrediteis em todos os espíritos, mas examinai-os para ver se são de Deus^l, porque no mundo surgiram muitos falsos profetas^m. ²É nisto que reconhecereis o Espírito de Deus: todo o espírito que confessa Jesus Cristo, que veio na carne, é de Deus; ³e todo o espírito que não confessa Jesus não é de Deus. Esse é o espíritoⁿ do anticristo, aquele que ouvistes dizer que estava para vir; pois bem, agora já está no mundo.

⁴Vós, meus filhos, sois de Deus e já os^o vencestes, porque Aquele que está em vós é maior do que aquele que está no mundo. ⁵Eles são do mundo; por

^e O termo *homicida* evoca Jo 8,44, a outra única passagem no NT onde ocorre, designando aí o Diabo. Aqui refere-se aos que, como Caim, matam os seus irmãos, mais concretamente a vida divina (e comunitária) que neles existe. Tendo em consideração Jo 8, o autor parece considerá-los instrumentos diabólicos.

^f Lit.: *não tem a vida eterna nele permanecendo*.

^g Lit.: *a vida do mundo* e, por extensão de sentido, os bens deste mundo necessários para viver. O texto marca uma ligação entre o amor manifestado por Jesus na sua vida (*zōē*) doada e o amor que os seus discípulos devem concretizar na partilha daquilo que é necessário para a vida (*bios*) neste mundo.

^h Lit.: *as suas entranhas*.

ⁱ Lit.: *fazemos as coisas agradáveis diante dele*.

^k Lit.: *nele permanece e Ele nele*.

^l Lit.: *mas examinai os espíritos, se são de Deus*.

^m Este v. resume a admoestação feita aos membros da comunidade até ao v.6, para que, no conflito com os hereges, se mantenham fiéis à verdade recebida, o que necessariamente implica um discernimento dos espíritos.

ⁿ *Espírito* é acrescento da tradução.

^o Ou seja, *os falsos profetas* do v.1.

isso falam a linguagem do mundo^a, e o mundo escuta-os. ⁶Nós somos de Deus: quem conhece Deus escuta-nos; quem não é de Deus não nos escuta. É com base nisto que reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro.

III. ACREDITAR E AMAR (4,7-5,13)

Observar os mandamentos: o amor fraterno (4,7-21)

⁷Amados meus, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece Deus. ⁸Quem não ama não conheceu Deus, porque Deus é amor^b. ⁹Nisto se manifestou, entre nós, o amor de Deus: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que por meio dele pudéssemos ter a vida^c. ¹⁰É nisto que consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele que nos amou e nos enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados. ¹¹Amados meus, se Deus nos amou deste modo, também nós nos devemos amar uns aos outros. ¹²A Deus jamais alguém viu. Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor em nós é perfeito.

¹³É nisto que sabemos que permanecemos nele e Ele em nós: Ele concedeu-nos o seu Espírito. ¹⁴E nós vimos e damos testemunho de que o Pai enviou o Filho como salvador do mundo. ¹⁵Quem confessa que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus. ¹⁶E nós conhecemos e acreditámos no amor que Deus nos tem. Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele.

¹⁷É nisto que o amor entre nós é perfeito: em estarmos confiantes no dia do juízo, pelo facto de estarmos no mundo do mesmo modo com que Ele esteve^d. ¹⁸No amor não há temor. Pelo contrário, o amor perfeito expulsa o temor, porque o temor supõe um castigo; quem teme não é perfeito no amor^e.

¹⁹Nós devemos amar, porque Ele nos amou primeiro. ²⁰Se alguém disser: «Eu amo a Deus», e odiar o seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama o seu irmão, que vê, não pode amar a Deus, que não vê. ²¹É este o mandamento que dele recebemos: quem ama a Deus, ame também o seu irmão.

^a Lit.: *falam a partir do mundo*.

^b A declaração *Deus é amor* pretende expressar não uma qualidade, mas a própria natureza divina e, tal como a afirmação *Deus é luz* (1,5), não procura expressar apenas uma verdade metafísica, mas, sobretudo, a relação de Deus com os homens, conforme será descrito nos vv. seguintes.

^c Lit.: *vivêssemos*.

^d Lit.: *que tenhamos confiança no dia do juízo, porque tal como Ele é, também nós somos neste mundo*. Ou seja, os cristãos estão no mundo sujeitos às mesmas contingências e tribulações por que Jesus passou, mas tal como Ele serão vencedores, pelo que, sabendo-se amados por Deus e fiéis ao seu amor, é com confiança e sem temor que aguardam o dia do juízo (cf. Jo 16,33;12,31).

^e O crente vive a sua relação com Deus com confiança e, a partir desta, enfrenta o mundo e o futuro com coragem (Jo 16,33; 17,14ss).

5 Acreditar e amar: vitória da vida sobre o mundo (5,1-13)

¹ Todo aquele que acredita que Jesus é o Cristo nasceu de Deus; e todo aquele que ama quem o gerou ama também quem dele nasceu^f. ² É nisto que sabemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e cumprimos os seus mandamentos. ³ É nisto, de facto, que consiste o amor a Deus^g: em guardar os seus mandamentos. E os seus mandamentos não são pesados. ⁴ Porque todo aquele que nasceu de Deus vence o mundo. E é esta a vitória que venceu o mundo: a nossa fé.

⁵ Quem é o vencedor do mundo senão aquele que acredita que Jesus é o Filho de Deus? ⁶ Ele é Aquele que veio pela água e pelo sangue: Jesus Cristo. Não apenas na água, mas na água e no sangue^h. E é o Espírito quem dá testemunho, porque o Espírito é a verdade. ⁷ Pois três são os que dão testemunho: ⁸ o Espírito, a água e o sangue, e os três estão de acordoⁱ.

⁹ Se aceitamos o testemunho dos homens, maior é o testemunho de Deus, e o testemunho de Deus é aquele^j que Ele deu acerca do seu Filho. ¹⁰ Quem acredita no Filho de Deus tem em si esse testemunho; quem não acredita em Deus faz de Deus^k um mentiroso, porque não acredita no testemunho que Deus deu acerca do seu Filho. ¹¹ E o testemunho é este: Deus deu-nos a vida eterna, e esta vida está no seu Filho. ¹² Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida. ¹³ Escrevi-vos estas coisas para saberdes que tendes a vida eterna, vós que acreditais no nome do Filho de Deus.

CONCLUSÃO (5,14-21)

¹⁴ E é esta a confiança que temos nele: se lhe pedirmos alguma coisa de acordo com a sua vontade, Ele escuta-nos. ¹⁵ E se sabemos que nos escuta naquilo que lhe pedimos, sabemos também que obteremos os pedidos que lhe fazemos^l.

^f Ou seja, todos os que, pelo batismo, nasceram de Deus.

^g Lit.: *de Deus*, no sentido em que Deus é o objeto do amor.

^h Na tradição joanina a água é símbolo do Espírito Santo (Jo 7,37-39; cf. 4,14; 19,34) e o sangue torna visível a humanidade da pessoa; ao afirmar que Jesus veio não apenas na água (na sua natureza divina) mas também no sangue, o autor afirma a verdade da encarnação: Ele era verdadeiramente Deus, mas também verdadeiramente homem. A finalidade da afirmação parece ser rebater a sensibilidade de natureza gnóstica de alguns membros da comunidade, que defenderiam que a natureza humana de Jesus seria apenas aparente. Ora, negar a sua encarnação tem como consequência negar a salvação que, por ela, Deus realizou. A verdade da dupla natureza de Jesus continua a ser testemunhada (como é sublinhado pelo uso do tempo presente do verbo) pelo Espírito Santo (vv.7s).

ⁱ Lit.: *os três estão para uma coisa*.

^j Lit.: *o testemunho*.

^k Lit.: *dele*.

^l Lit.: *os pedidos que lhe pedimos*.

¹⁶Se alguém vir o seu irmão cometer um pecado que não conduz à morte^a, reze, e Deus^b lhe dará a vida^c – isto em relação aos que cometem um pecado que não conduz à morte. É que há um pecado que conduz à morte: não é por um tal pecado que digo que se reze. ¹⁷Toda a iniquidade é pecado, mas há pecados que não conduzem à morte.

¹⁸Sabemos que todo aquele que nasceu de Deus não peca; pelo contrário, quem nasceu de Deus guarda-se a si mesmo e o Maligno não lhe toca. ¹⁹Sabemos que somos de Deus, ao passo que o mundo inteiro está sujeito ao poder do Maligno. ²⁰E também sabemos que o Filho de Deus veio e nos deu inteligência para conhecermos Aquele que é verdadeiro. Nós estamos naquele que é o verdadeiro, no seu Filho, Jesus Cristo. É Ele o verdadeiro Deus e a vida eterna.

²¹Meus filhos, guardai-vos dos ídolos.

^a Lit.: *não para morte* (nas duas ocorrências no v.).

^b *Deus* é acrescento da tradução.

^c Lit.: *peça e dar-lhe-á vida*.

SEGUNDA CARTA DE SÃO JOÃO

Saudação

¹O presbítero à Senhora eleita e aos seus filhos, que eu amo na verdade – e não apenas eu, mas também todos os que conheceram a verdade – ²por causa da verdade que permanece em nós e que conosco estará para sempre. ³A graça, a misericórdia e a paz, da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, estarão conosco na verdade e no amor^d.

Comportamento correto

⁴Muito me alegrei por ter encontrado alguns dos teus filhos a caminhar na verdade, de acordo com o mandamento que recebemos do Pai. ⁵E agora, Senhora, peço-te – não como quem te escreve um mandamento novo, mas sim aquele que temos desde o princípio – que nos amemos uns aos outros. ⁶Em nisto consiste o amor: em que caminhemos segundo os seus mandamentos. Este é o mandamento, tal como ouvistes desde o princípio: que caminheis na verdade.

A autêntica profissão de fé e o comportamento com os hereges

⁷É que surgiram no mundo muitos impostores, que não confessam que Jesus Cristo veio na carne^e. É esse o impostor e o anticristo! ⁸Tomai cuidado convosco, para não destruídes aquilo que construímos, mas, pelo contrário, receberdes a plena recompensa.

⁹Todo aquele que se afasta^f e não permanece no ensinamento de Cristo não tem Deus consigo; quem permanece no seu ensinamento, esse tem consigo quer o Pai, quer o Filho. ¹⁰Se alguém vem ter convosco e não traz consigo esse ensinamento, não o recebeis em casa, nem o saudeis^g, ¹¹pois quem o saúda torna-se participante das suas más obras.

^d O termo *presbítero* (*ancião*), no contexto da Igreja primitiva, é usado para referir o responsável da comunidade cristã e, neste caso, indica alguém que preside a um conjunto de comunidades da tradição joanina, entendidas como uma única Igreja, saudada aqui como *Senhora*. Segundo a tradição, tratar-se-ia do mesmo autor da 1Jo, o apóstolo João, filho de Zebedeu. A saudação habitual usada nas cartas cristãs (cf. Cl 1,2; 1Tm 1,2) o autor acrescenta dois temas muito caros à tradição joanina: o *amor* e a *verdade*.

^e Sobre estes cristãos de tendência gnóstica, cf. 1Jo 1,5nota.

^f Lit.: *vai à frente*, no sentido de querer impor um caminho de acordo com as suas próprias doutrinas.

^g Lit.: *Não lhe digais para se alegrar*; referência (tal como no v. 11) à usual saudação grega, que consistia em dizer *khaire* (*alegra-te!*).

Conclusão

¹²Apesar de ter muitas coisas para vos escrever, não o quis fazer com papel^a e tinta. Mas espero ir ter convosco e falar-vos face a face^b, para que a nossa alegria seja completa. ¹³Saúdam-te os filhos da tua irmã eleita^c.

^a Lit.: *folha de papiro*.

^b Lit.: *boca a boca*.

^c Muito provavelmente a Igreja a partir da qual o presbítero está a escrever.

TERCEIRA CARTA DE SÃO JOÃO

Saudação

¹O presbítero, ao amado Gaio, a quem amo na verdade^d.

²Amado Gaio^e, desejo^f que em tudo prosperes, e que a saúde do teu corpo seja tão boa como a da tua alma^g. ³De facto, muito me alegrei com a chegada de alguns irmãos e com o testemunho que deram da verdade que há em ti, isto é, do modo como tu caminhas na verdade. ⁴Não tenho alegria maior do que esta: a de saber que os meus filhos caminham na verdade.

Hospitalidade de Gaio

⁵Amado Gaio, tu procedes de um modo fiel em tudo o que fazes pelos irmãos, mesmo em relação aos que chegam de fora. ⁶Eles deram testemunho do teu amor diante da Igreja. Farás bem em providenciar-lhes o necessário para a viagem, de um modo digno de Deus. ⁷Foi pelo nome do Senhor^h que eles se puseram a caminho, sem nada aceitar dos gentios. ⁸Nós devemos, pois, acolhê-los, para sermos colaboradores da verdadeⁱ.

Recusa de Diótrefes

⁹Escrevi algumas palavras^j à Igreja, mas Diótrefes, que ambiciona o primeiro lugar entre eles, não nos aceita. ¹⁰Por isso, se eu lá^k for, fá-lo-ei lembrar-se das obras que anda a praticar: critica-nos com palavras maldosas e, como se isso não bastasse, nem sequer acolhe os irmãos e, àqueles que o desejam fazer, impede-os e expulsa-os da Igreja.

¹¹Amado Gaio, não imites o mal, mas o bem. Quem pratica o bem é de Deus. Quem pratica o mal não viu a Deus.

^d O amor que o autor da carta tem por Gaio resulta fundamentalmente do facto de este não só ter acolhido a mensagem da salvação e de se manter fiel à verdade (v.3), como de ter recebido com amor os missionários itinerantes enviados pelo presbítero (v.5), ao contrário de Diótrefes (v.9ss).

^e Gaio é acrescento da tradução, tal como nos vv.5.11.

^f Ou *rezo*.

^g Lit.: *desejo que em tudo tu prosperes e estejas de saúde, tal como prospera a tua alma*.

^h *Do Senhor* é acrescento da tradução.

ⁱ Os missionários itinerantes dedicavam-se a visitar as diferentes comunidades, para as animar na fé e na fidelidade à verdade do evangelho recebido.

^j Lit.: *escrevi algo*.

^k *Lá* é acrescento da tradução, partindo do pressuposto de que se tratam de comunidades distintas. De facto, Diótrefes parece ser o responsável de outra comunidade – que não a de Gaio – que ignorou a autoridade do presbítero, recusando-se a recebê-lo na pessoa dos missionários enviados por ele.

Boa conduta de Demétrio e conclusão

¹²Quanto a Demétrio^a, todos, até a própria verdade, dão dele testemunho. Também nós damos testemunho, e tu sabes que o nosso testemunho é verdadeiro.

¹³Apesar de ter muitas coisas para te escrever, não o quis fazer com tinta e pena. ¹⁴Espero ver-te em breve, e falaremos face a face^b.

¹⁵A paz esteja contigo. Saúdam-te os amigos. Saúda também tu os amigos, um por um^c.

^a Provavelmente um dos missionários enviados pelo presbítero, ou mesmo o portador da carta.

^b Lit.: *boca a boca*.

^c Lit.: *saúda os amigos nome a nome*.